

A influência cultural dos povos originários do Namúli: abordagem da sua experiência, ontem, hoje e amanhã no multi-culturalismo na região Norte de Moçambique

Adolfo Alexandre *

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0003-1433-7966>

Daniel Alexandre Raúl **

ORCID iD <https://orcid.org/0009-0008-8424-4518>

Domingos Tomo J. S. Patricio ***

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-4710-2894>

RESUMO

Este artigo tem por objetivo analisar a influência cultural do povo do Namúli sob o contexto multicultural do norte de Moçambique; destacar a cultura dos primeiros habitantes dos povos locais do Namúli e as áreas de influência cultural estrangeira na região; avaliar o impacto da globalização nos atuais povos locais do Namúli e a sua influência nas expressões culturais. O problema básico a ser estudado nesta pesquisa, parte do pressuposto de que há uma ligação entre as culturas do norte de Moçambique, sobretudo dos povos Makhuwa e Lomwé onde a sua cultura sofreu uma transformação provocada pela influência estrangeira, fazendo com que a nação perdesse alguns dos seus valores culturais autênticos/genuínos. Quanto à metodologia, a pesquisa é qualitativa do tipo etnográfico, que está associada a uma variedade de técnicas investigativas, tais como: análise documental, entrevistas aos membros da localidade, aos régulos e à rainha da localidade de Mucunha, região onde se encontra o Monte Namúli, que tem conhecimento da história local dos povos do Namúli e observações directas feita através de visitas aos principais locais históricos existentes na serra de Namúli. Quanto aos resultados, o grande desafio que existe entre os povos Makhuwa e Lomwe é a necessidade de fazer uma peregrinação para interação ou diálogo permanente com sagazes, membros da comunidade de montes Namúli para recriar, reformular-se, reposicionar-se trazer de volta os valores perdidos isto é levar as gerações atuais a repensar acerca da perda de identidade dos povos locais advindas da globalização.

PALAVRAS-CHAVE

Influência Cultural; Povos; Namúli; Multiculturalismo

* Docente da Universidade Católica de Moçambique-Extensão de Gurué, Mestre em Ciências Políticas Governança e Relações Internacionais, Bacharel e Licenciado em Ensino de História, Áreas de Investigação: Geopolítica; Geoestratégia, e Diversidade Cultural. E-mail: adolfoalexandre12@gmail.com

** Docente da Universidade Católica de Moçambique- Extensão de Gurué, Doutorado em Humanidades. Especialização em Teologia. Áreas de investigação: Diversidade cultural, Fé e cultura; Educação e estudos para a paz e desenvolvimento sustentável. E-mail: draul@ucm.ac.mz

*** Docente da Escola Secundária de Gurué e Colaborador da UniLicungo e UCM- IED Gurué, Mestre em Nutrição e Biotecnologia Alimentar, Especialização em Nutrição Clínica. Áreas de Investigação: Antropologia, Educação, Nutrição e Biodiversidade. Literatura: Escrita de romances de ficção e poemas. Email: domingostomo@gmail.com

The Cultural Influence of Namuli Native Peoples: Approaching Their Experience, Yesterday, Today and Tomorrow in Multiculturalism in the Northern Region of Mozambique

ABSTRACT

This article aims to analyze the cultural influence of the Namuli people under the multicultural context of northern Mozambique; highlight the culture of the first inhabitants of the local Namuli people and the areas of foreign cultural influence in the region; assess the impact of globalization on the current local Namuli peoples and their influence on cultural expressions. The basic problem to be studied in this study is based on the assumption that there is a connection between the cultures of northern Mozambique, especially the Makhuwa and Lomwé peoples, where their culture underwent a transformation caused by foreign influence, causing the nation to lose its cultural value yesterday, today and tomorrow. As for the methodology, the research is qualitative of the ethnographic type, which is associated with a variety of investigative techniques, such as: document analysis, interviews with members of the locality, the 'régulos' and the queen of the locality of Mucunha region where Montes Namúli is located. , who has knowledge of the local history of the Namúli people and direct observations will be made through views of the main historical sites existing in the Namúli mountain range. As for the results. The great challenge that exists between the Makhuwa and Lomwe peoples is the need to make a pilgrimage to the Namúli mountains to recreate, reformulate, reposition themselves and bring back lost values, that is, to lead current generations to rethink about the loss of identity of local peoples arising from globalization.

KEYWORDS

Cultural Influence; Namuli peoples; Multiculturalism

Mukhalelo wa atxhu òkhumela oNamuli: wuka metxelo aya, osilo, olelo ni mahiku othene veri wa atxhu a mahimo ohiyanahiyana, a'omokoni wa elapo yoMosambique

NI MASU VAKHANI

Mahusiho ala enakwela othonyera osuwanyeya wa nikhuru nokhumela oNamuli veri wa makhuru nari mahimo amanke omokoni wa elapo yoMosambique; n'itho wupuserya merelo a nikhuru nopatxherya omaka onamuli vamoha ni olotxa makhalelo àsuku opatxherya ophiya elapo yele vamoha ni okumanela ni atxhu a elapo yele. Ekinatho ori ohuserya merelo a mutano àtxhu òkhumela oNamuli, ontosa alomwe ni amakhuwa, veri wa okumanela ni atxhu a ilapo ikina sohianahiana arino metxelo'yatho. Wukhuwa wa marepelo yala onapwanyeya wi mwa nthowa wa okumanela wa atxhu oNamuli ni atxhu a'ilapo ikina, merelo ni metxelo aya athatuwa, etxhuwala merelo makina a khalai yaritho ophwanelela. Mwa ohuserya mwahene yola, notxariha makhalelo a walakhana ni otaphulela sorempwa kalai t'atxhu akina, wakoha atxhu a elapo yoNamuli, ntosa wakoha a Mwene awanaMukunya oriwo Mwako Namuli, ni'tho yeyo nonnahu ni mitho ahu. Womaliheryani wa mahusiho yala, wokhumelela wi ni vano ti yaphama wi makhuru yala okhumela oNamuli ontosa alomwe ni amakhuwa, esekurekewo ni yasaseke okumanyerya wiliwili metxelo aphama a khalai ohiyeriwa ti makholo, ehiliyalaka wahusiha anamiravo ikano sothene sa mwako yola.

MASU A NTHONYERO

Okumanela wa merelo a makhuru; makhuru okhumela o Namuli; ohianahiyana wa merelo a makhuru ni mahimo

Introdução

A abordagem teórica desta pesquisa pretende discutir a influência cultural dos Povos Originários do Namúli, numa abordagem na vertente da sua experiência ontem, hoje e amanhã. Uma vez que a região dos montes Namuli é tida como a génese dos povos Makhuwa e Lomwé, o seu contributo na cultura dos povos do norte de Moçambique reveste-se de grande importância para real e mais aprofundada abordagem desta cultura que hoje é um grande mosaico da história da humanidade, partindo da região norte expandindo-se para o resto do Mundo.

Uma das hipóteses deste estudo é que as tradições são transmitidas de geração em geração através de rituais e mecanismos de socialização típicos das culturas locais, intervenções do Estado português e da presença árabe na região do Namuli e servem de Padrões, bem como o estabelecimento de confissões religiosas e interferência de exploradores industriais nos recursos naturais da Alta Zambézia e do Namúli. Deste modo, discute-se a globalização e sua influência na identidade cultural dos povos originários do Namúli relacionado com a diversidade cultural atual uma vez que Moçambique possui uma diversidade cultural, étnica e linguística. Esta herança vem dos primeiros habitantes destas terras, os ancestrais do povo Khoisan, dos quais os povos Bantu herdaram, séculos depois. A serra do Namuli é considerada a origem dos povos primitivos, sendo um dos exemplos o facto de várias culturas, hábitos e costumes se interligarem e as tradições são passadas de boca em boca, de família em família. Estas etnias se distribuem devido à migração dos Bantu na Região.

Quanto à metodologia, a pesquisa é desenvolvida a luz da abordagem qualitativa do tipo etnográfico que, para Gil (2009), a Etnografia é uma metodologia das ciências sociais, em que o principal foco é o estudo da cultura e o comportamento de determinados grupos sociais, ou por outra descrição cultural de um povo. Esta pesquisa consiste em estudar a cultura dos povos originários do Namúli, seu *modus vivendi* até na atualidade, que estará associada a uma variedade de técnicas investigativas, tais como: análise documental que consiste em aprofundar várias referências bibliográficas que abordam sobre o tema em estudo, entrevistas que consiste em buscar dados ou buscar informação aos sagazes ou sábios locais, os régulos e a rainha da localidade de Mucunha região onde se encontra o Montes Namúli, que tem conhecimento da história local dos

povos do Namúli e observação direta feita através de visitas dos principais locais históricos existentes na serra de Namúli.

1. A Formação Cultural dos Primeiros Povos Originários do Namúli

De forma a compreender o enquadramento cultural do primeiro povo originário do Namuli e olhar para a sua origem e subsequente migração para outras partes do norte de Moçambique, podemos conceptualizar a cultura de acordo com Chavi (2006), o qual afirma que, de um modo geral, Cultura é uma coisa complexa, agrega, o conhecimento, a arte, as crenças, as leis, a moral, os costumes e todos os hábitos, habilidades adquiridas pelo ser humano que são muito claros não só na família, mas também na sociedade em que está inserido.

No entanto, no entendimento de Chavi (2006), aponta que, essa complexidade se deve ao facto de que a cultura não é mais "primitiva", mas uma mistura de costumes e tradições de diferentes etnias; "apenas" a "cara" de uma sociedade em sofrimento. Ainda é passando por mudanças drásticas ou adaptações durante sua existência. Portanto, mesmo que seja afetado por fatores diferentes, cada nação tem suas próprias características culturais, isto é, a cultura é determinada pelo conhecimento, pelo comportamento e pelas formas de fazer as coisas, além de suas características simbólicas, a cultura também está relacionada aos valores materiais e espirituais. Outra característica distintiva da cultura é que ela é transmitida de geração em geração.

Sousa (2005) apontou que todas as culturas precisam de uma sociedade para se desenvolver, pois a sociedade é o alicerce da existência cultural. Em sua reflexão, Sousa diz: "Um dos problemas que se colocam no mundo profundamente globalizado de hoje é entender até que ponto a cultura universal ou local pode resistir à implantação da cultura global" (p.14). Ciscato (2012), apontou que todas as culturas são misturadas, principalmente nos dias de hoje, o que pode ser visto em todos os lugares também está aqui, é sempre uma mistura do antigo e do novo.

As culturas Makhuwa e Lomwé existem apenas na forma de lugares que mudam historicamente e se movem constantemente. Estas estão passando por fortes mudanças relacionadas à questão da globalização, e existe e haverá a ameaça de substituir a cultura local por uma cultura global que represente a perda de identidade.

De facto, a origem comum de todos os grupos de línguas étnicas que compõem a sociedade Emakhuwa e Lomwe está relacionada aos mitos sobre o mundo e a origem da humanidade. A tradição que nos transmitem esses mitos mostra de forma consistente que

o Monte Namuli é o lugar original de ligação cultural, aqui como outras partes do norte de Moçambique está relacionada com a migração dos povos (locais) impulsionada por fatores internos como a expansão territorial e, em seguida, o fluxo dos rios Malema e Licungo.

Desde então, Dunduro, Alexandre Silva e outros (2016) apontaram que Montes Namúli é considerado o centro dos princípios da vida biológica e espiritual humana, especialmente para a comunidade Lomwé-Makhua que vive no norte de Moçambique. É também chamado de local de descanso eterno para as almas dos ancestrais (*Makholo*) dessas comunidades. Como prova dessa crença, os povos primitivos estão no topo do Namúli, nas rochas, envoltos em rastros misteriosos (*Miririmo*), na forma de pegadas humanas que dizem vir dos ancestrais, de um lago, de anões (*Muacona kiruakavi*), e um grande número de frutas silvestres, o que mostra que eles são o símbolo do antigo habitat humano

Deve-se notar que esses testemunhos só podem ser vistos observando os rituais anteriores (*Maqueya*) realizados sob a autoridade tradicional local, especialmente a liderança da Rainha. A convicção popular na área de Namuli é que se os turistas não fizerem esse ritual inicial, eles nunca chegarão ao topo da Montanha Namuli e podem se perder no labirinto da montanha para sempre. No que diz respeito à disseminação desses valores culturais sobre a origem dos povos Emakhuwa e Lomwe, suas narrativas são realizadas ainda hoje por meio da narração oral transmitida da comunidade e de geração em geração, ou seja, dos mais velhos aos mais antigos e mais jovens novos.

Ao se analisar a regra das primeiras etnias da região da serra do Namúli, deve-se destacar que devido à presença de estrangeiros na área, o culto dessas etnias mudou, mas antes da expansão do cristianismo, o culto dessas etnias é especialmente completada por meio da cerimônia de oração pelas almas dos ancestrais na montanha de Namúli, como forma de manter a conexão entre os vivos e os mortos. O historiador Zacarias Ivala (1999), ao falar sobre a história da origem dos grupos étnicos linguísticos baseados na Serra do Namúli, acredita que a região do Namúli teria recebido facções de emigrantes Bantu, provenientes da região da África Central. Num processo que terá durado desde o início da Era Cristã, tendo se prolongado por mais vários séculos. Este movimento migratório teve sempre o foco, toda a cadeia montanhosa, conhecida por montes Namúli.

As pessoas que saíram das cavernas da Montanha Namúli viveram em um grande planalto em Namuli desde o início. À medida que a população aumenta, degeneram em

conflitos de acesso e gestão de alguns recursos existentes, o que acaba por levar ao êxodo da montanha sagrada e à dispersão da população para as atuais províncias da Zambézia, Nampula, Niassa e Cabo Delgado, atingindo a parte oriental da República do Malawi.

Pode-se dizer que em todos os aspectos da boca a boca, diz-se que a tradição oral testemunha que as etnias que primeiro viviam na área estavam envolvidas em disputas familiares, clãs ou tribos, o que pode ter levado ao êxodo em grande escala. Multidões deixaram Namuli e ocuparam a planície onde se encontram atualmente. Portanto, ao longo dos dois grandes rios que corriam da Montanha Namuli, nomeadamente o Malema e o Licungo, estes grupos ocuparam áreas vastas e remotas, incluindo hoje toda a Alta Zambézia, Nampula, Niassa e Cabo Delegado, e agora parte da República do Malawi, sendo desse processo que se produziu o povo (Lomwé) com a variante Macua.

Assim, o Monte Namuli é considerado o berço da mitologia de Makhuwa e Lomwé e grupos étnicos relacionados, sendo o mais importante o Macua nas províncias de Nampula, Niassa e Cabo Delgado. Dentro do grupo étnico Emakhuwa, podemos destacar os subgrupos: (Macua Meto falado em Marrupa na Província de Niassa, koti em Angoche, Macua Nahara falado na Ilha de Moçambique e Mossuril, Maravone falado em Pebane, cuja história contém estruturas e conceitos mitológicos únicos e fascinantes.



2.Mitologia sobre as origens dos povos Makhuwa e Lomwé

Para Dunduro (2016) refere que os mitos são parte importante no processo de construção de identidades. Portanto, uma produção social, as teorias naturalistas desenvolvidas ao longo do século XIX, apresentam o mito como fator teórico ou contemplativo que dá origem à ciência e consiste em tomar determinado fenómeno natural como chave para a explicação de todos outros fenómenos.

É neste contexto que no seu estudo, Dunduro (2016) afirma que, caso vertente das populações dos Montes Namúli, os mitos estão presentes nas narrativas sobre a sua origem. Trata-se de uma referência indispensável no processo de compreensão das suas vivências. Esta referenciação aos mitos é um facto de grande importância na construção da identidade das comunidades Lomwé, quando elas sustentam os argumentos sobre as suas origens, sobre o mundo, a humanidade em fim, sobre a vida. É nessa configuração socio-antropológica que os Montes Namúli representam para as comunidades que habitam em seu redor, o princípio da vida. "Os montes Namúli pariram a humanidade".

Alguns estudiosos defendem que os macuas chegaram à região onde hoje vivem, vindos na onda das inúmeras migrações dos povos bantus, por volta do século XI. Mas os próprios macuas não são desse parecer. Eles acreditam que foi Deus quem os criou no monte Namúli. É o que os pais ensinam aos filhos, empregando numerosas versões de lendas e mitos, para contar como tudo aconteceu. Eis uma delas, contada e repetida em diversas comunidades da região do Namúli: Ainda no contexto da mitologia sobre as origens das populações do Namúli, talvez valha a pena citar Artur (2003), quando refere que, tomando em perspectiva as várias referências e factos, é pouco verossímil que se assuma apenas que as populações adjacentes aos Montes Namúli sejam apenas fragmentos saídos da migração Bantu. Associado a esta perspectiva de Artur (2003) a colocação de Nunes (1999) permite uma compreensão da mitologia sobre as origens das populações do Namúli que aprofunda o debate relativo ao surgimento das comunidades Lomwé, como pode ser observado no texto a seguir:

A existência de um “criador supremo” que terá se baseado no Namúli, aparece com muita frequência nas narrativas sobre a origem destes povos. Esses relatos tomam variadíssimas formas, tais como mitos e lendas, alimentando a crença segundo a qual tudo começou lá, nos Namúli. Um facto que reforça a posição de Artur (2003), quando este nos diz que “os Bantu não podem ser necessariamente a única referência explicativas das origens, dentre as dezenas de narrativas encontradas entre os populares dos Namúli. Aqui podemos notar que, muito provavelmente, a referência aos Bantu vindos da região dos Grandes Lagos seja uma perspectiva simplista ou inacabada, e que ignora estes saberes bem como os assentamentos humanos anteriores as migrações Bantu, o que pode ser um ponto-de-partida para uma discussão mais aprofundada.

3.As crenças religiosas dos povos originários de Namúli antes da presença dos missionários

A sociedade tradicional dos primeiros habitantes dos povos originários do Namúli, praticava uma única religião denominada, por alguns autores de ascentrolatria. Esta prática é comum a nível da região da África, isto é, religião do culto dos antepassados ou defuntos, as suas manifestações são frequentes e múltiplas em todas as comunidades. Cipire (1992, p.50) aponta que as características de ascentrolatria no contexto geral é uma religião espiritualista porque nela não há nem idolatria, nem feitiçaria: os espíritos e só os espíritos são o objeto do culto; é uma religião animista porque sendo numerosas as categorias dos espíritos deuses e sendo estes espíritos servidos para obterem os seus

favores eles são tornadas propícios quando se acham animados com a bebedeira tradicional; é uma religião não sacerdotal. Por sua vez, Martinez (2009, p.202) afirma que nas sociedades emakwua e lomwe não existe culto direto a Deus propriamente dito. Nestas sociedades, o culto ao ser supremo consiste fundamentalmente, no sacrifício de farinha, oferecido aos antepassados, especialmente os espíritos ancestrais e antepassados mais importantes da família e da aldeia, considerados como autênticos intermediários entre Deus e os homens.

O mesmo autor Martinez refere que apesar desta ausência de um culto dirigido ao ser supremo, em todos os sacrifícios tradicionais dos povos originários do Namúli, a invocação inicial da principal oração é dirigida a Deus. Estas orações começam com a seguinte expressão: *Txontte Muluku*, que se pode traduzir por “por favor Deus” isto levou o autor à conclusão de que Deus está presente em todas as expressões culturais dos povos Emakwua e Lomwe.

Na nossa opinião, a manifestação religiosa mais importante dos povos originários do Namuli é o sacrifício tradicional vulgo *Mukutxo*. Como sustenta Martinez (2009, p.2014) ela é a forma mais importante e generalizada da sociedade Emakwua e Lomwe tem em primeiro lugar uma importância ontológica, uma vez que os homens, realizando o sacrifício, procuram entrar em contato direto e de maneira privilegiada com aquilo que dá consistência, unidade e garantia ao próprio ser, a força vital, por meio da mediação necessária dos antepassados.

Em segundo lugar, o sacrifício, é considerado, praticamente, o mais importante. E de facto é mais generalizado em cada um dos grupos que formam povos originários do Namúli, as quatro províncias do norte de Moçambique onde vive o povo Makhuwa e Lomwe nomeadamente Cabo Delgado, Niassa, Nampula e Zambézia, este último onde se localiza a Serra do Namúli. Porém Martinez (2009, p.215) aponta que os grupos macuas-ameto, lomwe, chirima, macuas do interior e macuas do litoral praticam o sacrifício tradicional na sua religiosidade. No entender de Ciscato (2012) a montanha, como o Namúli, não representa deus, nem é a sua localização, mais os Makhuwa e Lomwé evocam-no, na sua presença específica transcendente, visto que a vida saiu dali; no mito, o Namúli é o ponto a partir do qual e em volta do qual, o mundo foi criado ou organizado.

4. Imposição Cultural Numa Reflexão da Presença Estrangeira na Região Norte de Moçambique

Para Artur, Domingos do Rosário & Xavier Estevão (2003) refere que a história oral da região recorda que os primeiros “estrangeiros” foram os árabes que na língua vernácula são designados “*Ameka*” tendo tido duas interpretações do seu significado onde o primeiro significado do termo usado pelos nativos “*Ameka*” refere que, tendo sido corrente que aqueles vindouros (árabes), em princípio comerciantes, fizeram insistentemente alusão, ou da sua proveniência, ou das suas peregrinações em Meca, foi daí que os nativos lhes designaram *A-méka*, o que significa – os provenientes de Meca, os de Meca, a conhecida capital espiritual islâmica.

A segunda também revela a sistemática alusão daqueles estrangeiros, alegadamente por terem vindo pelo mar. Ora, sabendo-se que o topónimo “mar” quando traduzido para a língua Emakua e lomwé fluentemente falada nesta região tem-se “*emaka*”, então, defende-se que teria sido pelo facto dos árabes terem vindo pelo mar ou emaka, que foram chamados de A- máka, terminologia deformada com o tempo para *A-méka*. Para Recama (2003) aponta que a penetração mercantil arábico-persa teve como impacto não só no desenvolvimento das atividades comerciais por mar e contatos entre os grupos locais e árabes, mas também originou diferenciações regionais a nível cultural, como no caso do surgimento de línguas costeiras sobre tudo Mwani, na costa de Cabo Delgado, Nahara na ilha de Moçambique, Koti em Angoche e originou diferenciações políticas e o surgimento das chefaturas e dos reinos afro islâmicos da costa sobretudo sultanatos e xeicados.

A nossa opinião sobre a presença estrangeira árabe persa na região dos povos oriundos do Namúli, distribuídos nas províncias de Nampula, Niassa, e Cabo Delgado, consta-nos que para além destes não terem objetivo de dominação dos povos locais, influenciaram na introdução da cultura islâmica nesta região, e surgimento das línguas costeiras. Na mesma senda no caso da África em geral, sua história cultural “é herança da ocupação e da dominação dos territórios africanos por diferentes povos desde a antiguidade clássica, do século X a.C. ao XIV d.C., resultando nessa multiplicidade de culturas, línguas e tradições africanas” (Ciríarco, 2017, p. 95). Essa formação cultural se originou a partir da imposição dos padrões culturais europeus que se misturaram e se adaptaram outros, como a indígena e a africana.

Com a dominação portuguesa no país devido ao princípio de ocupação efetiva advindas das deliberações da Conferência de Berlim houve um processo de imposição

cultural que, na esteira de Antônio Cândido, define-se pela transposição das leis, costumes e modelos culturais a um povo com tradições “completamente diferentes, incompatíveis com as formas de expressão do colonizador” (Cândido, 1999, p. 12) e, na esteira de Darcy Ribeiro, define-se pela fusão entre as tradições culturais distintas dos portugueses e dos povos nativos, ou seja, pela “confluência, do entrelaçamento e do caldeamento do invasor português”, que se deu “sob a regência dos portugueses, matrizes raciais, díspares tradições culturais distintas, formações sociais desfasadas” que se fundiram “para dar lugar a um povo novo” (Ribeiro, 1995, p. 19). Tanto Antônio Cândido quanto Darcy Ribeiro defendem ter havido a imposição da matriz colonizadora europeia, não apenas sobre o autóctone, mas também sobre o africano, pois esta contribuiu para a construção da nação, “seja ela, ora positiva, ora negativa, na maioria das vezes negativa, pois com a chegada e a construção de colônias em território moçambicano, os nativos foram sufocados culturalmente” (Faria et al., 2017, p. 4).

Através da imposição de sua cultura, os europeus trouxeram para Moçambique em particular na região norte uma bagagem cultural, impondo-a sobre o autóctone, sufocando assim, radicalmente, os seus costumes e até mesmo sua linguagem como alude Ciríarco (2017, p. 105), “para o povo moçambicano, não é tarefa fácil ser possuidor de tão diversas culturas”, já que, eles “não querem se despojar dos valores culturais absorvidos durante a presença e convívio com o colonizador europeu”. Porém, “ao mesmo tempo, desejam ver respeitadas e reconhecidas suas tradições, para, então, compreender e aceitar a transformação dessas no decorrer dos tempos”. Embora seja um árduo caminho, é por meio de uma batalha multicultural, ligada historicamente ao processo de colonização europeia e a uma política assimiladora e de alheamento da cultura e das tradições dos antepassados, que o povo moçambicano anseia pelo reconhecimento dessas diferenças, essencial para a valorização do patrimônio histórico, cultural e linguístico de Moçambique (Ciríarco, 2017, p. 105).

Apesar do dano causado por todos esses eventos, a sociedade vigorou sua identidade em total conformidade com a imposição cultural que sobreveio sobre os indígenas, interligando o país à matriz portuguesa. O resultado de toda essa imposição está notadamente presente na história de Moçambique, uma vez que a confluência da cultura do invasor português, por um lado, contribuiu para a formação de ambos os países, resultando nessa diversidade cultural que adere todos os povos. Por outro lado, resultou em graves danos à humanidade, tais como as inúmeras mortes que sobrevieram aos povos locais, além da perda parcial da identidade cultural primitiva.

O colonizador transformou o que deveria estar intacto até os dias de hoje, isto é, “domesticou” um povo que já era revolucionário, porém, conhecidos por ele como “selvagem”, além de ter contribuído em parte para o esquecimento da língua, dos costumes, evidências e outros princípios indígenas. Ainda que as cicatrizes dos sofrimentos permaneçam no corpo, na alma e no espírito do povo moçambicano e também na história da nação, é necessário que sejamos uma nação “mais alegre, porque mais sofrida”, “melhor, porque incorpora em si mais humanidades”, “generosa, porque aberta à convivência com todas as raças e todas as culturas e porque assentada na mais bela e luminosa província da Terra” (Ribeiro, 1995, p. 455).

Essa identidade cultural, em sua multiplicidade, tanto nos povos Makhuwa e Lomwe, é o resultado do entrelaçamento dos processos históricos que ocorreram durante o colonialismo com os elementos culturais já existentes no país antes da colonização portuguesa. O entrelaçamento de culturas diferentes, mesmo contra a vontade dos primeiros habitantes, resultou na influência de ambas culturas, ou seja, após anos de convívio forçado, Moçambique acabaria absorvendo os aspectos culturais portugueses. Portanto, os fatores históricos, de Moçambique ou de qualquer outra nação, bons ou ruins, interferem plena e diretamente na construção da identidade cultural do país.

5. A Cultura local Versus a Cultura Global

Ao falar-se da relação entre uma cultura local e uma cultura global, Mignolo (2003) descreve que as culturas locais encontram projetos globais – e muitas vezes são forçadas a receber e incorporar parte ou a integralidade destes projetos globais. Mignolo (2003) acredita que atualmente vive-se uma nova forma de colonialismo, um colonialismo global. Neste sentido, é importante uma reflexão – independente do termo a que se queira utilizar – entre o efeito devastador da globalização nas práticas culturais e a cultura local, como preservação da identidade e das tradições de um povo. A globalização é um ente invisível, que não se preocupa com o “localismo”; o que se percebe é que ela traz às localidades valores universais.

Cortina esclarece que o diálogo intercultural deverá prosperar por meio do fundamento do respeito das mais diversas culturas: Neste sentido uma ética intercultural não se contenta em assimilar as culturas relegadas à vencedora, nem tampouco com a coexistência das culturas, mas convida a um diálogo entre as culturas, de forma que respeitem suas diferenças e esclareçam conjuntamente o que considera irrenunciável para construir, a partir de todas elas, uma convivência mais justa e feliz (Cortina, 2005, p.

144). Sabe-se que uma mesma sociedade pode conviver com pessoas de crenças e hábitos culturais diferentes, o que poderia gerar divergências ideológicas. No entanto, estas divergências também podem ser muito enriquecedoras e frutíferas, quando se aprende com a diferença, renovando suas culturas.

No preâmbulo da Declaração Universal sobre Diversidade Cultural (2002), considera-se que o processo de globalização, facilitado pela rápida evolução das novas tecnologias da informação e da comunicação, apesar de constituir um desafio para a diversidade cultural, cria condições de um diálogo renovado entre as culturas e as civilizações. Para tanto necessário se faz traçar alguns elementos para o bom convívio entre as mais variadas culturas. Cortina (2005) elenca os elementos necessários à ética intercultural para se evitarem estes conflitos.

Por outro lado, no Artigo 3º, da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural considera-se que a diversidade cultural, é vista como fator de desenvolvimento uma vez que a diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha que se oferecem a todos, é uma das fontes de desenvolvimento, entendido não somente em termos de crescimento económico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, moral e espiritual satisfatório.

Cortina (2005), ao estabelecer os elementos para que haja ética intercultural, aquando do diálogo intercultural, cria “mandamentos” que não são novidades. Porém, ela conseguiu compilá-los em poucas palavras. Assim, percebe-se que a autora não está a tratar de absorção de uma cultura dominante frente a outras. Ao contrário, o diálogo intercultural pressupõe a comunicação entre culturas, no sentido de todas as culturas se transformarem em algo melhor. Assim, o diálogo intercultural é um meio eficaz de o indivíduo se conhecer melhor e adquirir novas visões do mundo e de sua própria identidade.

6.Resultados e Discussão

Apresentamos os resultados do trabalho empírico realizado no campo recorrendo à técnica de entrevista e observação para a coleta de dados. Quanto à entrevista, esta foi dirigida aos membros da localidade, os régulos e a rainha de Mucunha região onde se encontra os Montes Namúli. Sendo assim por meio de um roteiro, procurou-se saber. Qual é a influência Cultural do povo no contexto Multicultural no norte de Moçambique. A opinião dos nossos entrevistados foi expressa nos seguintes termos:

Na fase atual e no contexto de multiculturalismo, a influência do povo originário do Namúli é sobretudo simbólica. O simples facto de saber que um indivíduo é lomwe ou makhuwa, esse indivíduo se sente originário do Namúli e de alguma maneira, carrega em si alguma saudade desse lugar das suas origens. Então contam-se lendas e mitos sobre o local e as suas gentes que lá ainda vivem, como depositários do verdadeiro manancial cultural makhuwa-lomwé, porém o makhuwa-lomwe carrega durante a sua vida um desejo de algum dia ir para o Namúli peregrinar; é quase que dívida com o Monte Namúli.

Na mesma linha os nossos entrevistados responderam dizendo que: “Acho que um dos fatores são os hábitos alimentares (por exemplo o consumo de EXIMA), há também o sistema de casamentos que é matrilinear. Parece que no passado havia levirato e sororato. Mas hoje estão a desaparecer. A tolerância da poligamia. As mulheres do polígamo (seja qual for o seu número, são verdadeiramente esposas do polígamo. Não são concubinas”.

Nota-se no dizer dos nossos entrevistados que o multiculturalismo que significa a inter-relação de várias culturas são representadas pelos Montes Namúli, dada a sua magnitude histórica representa para os povos Makhuwa e Lomwé, o princípio da vida, e também nota-se nesta região conexões vindos dos povos bantu, que influenciaram os seus hábitos e costumes, mais tarde com a presença estrangeira seja ela árabe, portuguesa ou outra em toda a região norte, impulsionou a interconexão, daí que concorda-se com a ideia de Dunduro, Alexandre Silva e outros (2016) ao apontaram que Montes Namúli é considerado o centro dos princípios da vida biológica e espiritual humana, especialmente para a comunidade Lomwé-Makhua que vive no norte de Moçambique. É também chamado de local de descanso eterno para as almas dos ancestrais (Makholo) dessas comunidades.

Na nossa opinião ao pensar-se a origem histórica e cultural dos povos Makhuwa e Lomwé representa uma identidade cultural onde os primeiros povos que viveram ontem, hoje e amanhã são alma do namuli, e a sua cultura é lembrada em todos os momentos. Em relação ao como era a cultura dos primeiros habitantes do povo originário do Namúli os nossos entrevistados responderam que:

Há várias versões sobre a reconstrução hipotética da cultura dos primeiros habitantes do Namuli, mas todas elas convergem no facto de reconhecer pelo menos 4 momentos no ciclo vital desses habitantes, a saber: 1) o ritual do Nascimento da criança; 2) os ritos de iniciação que constituem um segundo nascimento para a adultez e por essa razão são realizados, na puberdade, separadamente rapazes e meninas; 3) o ritual do matrimónio, tendo em conta que a cultura makhuwa -Lomwe é matrilinear; 4) os rituais

de morte. Referir que só quem passou pelos ritos de iniciação está autorizado a participar nos ritos de casamento e rituais de morte, alguns dos ritos aqui referidos ainda permanecem com bastante vivacidade em alguns subgrupos makhuwa-Lomwe.

Na nossa opinião constatou-se que a cultura dos povos originários do Namuli está em constante mudança, dada a sua conexão ao modernismo atual, os valores e significados herdados e transmitidos pelos antepassados servem de memória própria de uma comunidade Makhuwa ou lomwe. Em relação ao ponto sobre que ligação pode existir entre a religião tradicional dos povos originários do Namúli e a religião estrangeira Cristã, os nossos entrevistados responderam que

Entre a religião tradicional dos povos originários do Namúli e a religião estrangeira há descontinuidade e uma continuidade: há descontinuidade na medida em que a religião judaico-cristã defende o monoteísmo, isto é, a adoração de um só Deus ciumento e zeloso; esse aspecto ataca fortemente as bases da cultura tradicional makhuwa-lomwe, a qual é feita de rituais que comportam sacrifícios de produtos da terra e bebidas alcoólicas, tidas como inapropriadas pela religião cristã. Por outro lado, as exigências éticas do cristianismo chocam com o *modus vivendi* dos povos originários do Namúli, para os quais, por exemplo, a poligamia é permitida e até certo ponto exprime um determinado status de poder socio-económico." [...] Por outro lado Falamos de continuidade, graças a uma nova leitura que o cristianismo faz das realidades culturais, chamada inculturação, que faz com que se aproveitem os elementos mais genuínos da cultura local para pô-los em diálogo com o cristianismo, do qual sairá um enriquecimento mútuo. Só para dar dois exemplos: foi graças a isso que o batuque foi admitido nas celebrações cristãs e graças a isso também que, por exemplo, em Nampula foram introduzidos ritos de iniciação para rapazes e raparigas, com uma componente cristã.[...].

Na mesma linha os nossos entrevistados responderam dizendo que a crença em um ente supremo que pode fazer algo em nosso favor. Antes da vinda dos missionários, o povo praticava uma religiosidade. Conhecia Deus mas não conhecia Jesus Cristo revelado pela Sagrada escritura. Ao refletir sobre a ligação da religião tradicional e estrangeira crista, constatou-se que a religião dos povos originário do Namuli era animista conjugado com ancestralotria, este cultos eram feitos evocando deus, o que nos faz entender que mesmo sendo uma religião tradicional eles conhecem deus onde é chamado em língua local Makhuwa e Lomwé por *Muluku*, entretanto com a penetração colonial em Moçambique sobretudo na zona norte, a igreja católica portuguesa teve impacto imenso no modo de vida e de manifestações desses povo, os cristão trouxeram novas visões da interpretação do divino, introduzindo a Bíblia sagrada nas suas manifestações religiosas diferentemente do animismo que invoca-se usando *Maqueya*. Daí que apoiamo-nos no

pensamento de Ciscato (2012) onde refere que a montanha, como o Namúli, não representa deus, nem é a sua localização, mais os Makhuwa e Lomwé evoca-o, na sua presença específica transcendente, visto que a vida saiu dali, no mito, o Namúli é o ponto, partir do qual e em volta do qual, o mundo foi criado ou organizado. É neste contexto que a religião tradicional tem e sempre terá ligação com os hábitos transmitidos pelos nossos antepassados, e a imposição religiosa influencia na perda dos valores desses povos. Em relação ao ponto sobre qual é o impacto da globalização nos atuais povos originários do Namúli, os nossos entrevistados responderam que:

A globalização impregna toda a geografia terrestre e todas as facetas da vida, daí que os povos do Namúli não ficam de fora por pelo menos duas razões: 1) a primeira aquela que aduzimos acima; pelo facto de muita gente considerar que a sua cultura tem o cordão umbilical no Namúli, procura viajar dos diversos quadrantes do nosso País e não só para ir ver *in loco* aquilo que ouvem contar sobre o Namúli (essas pessoas carregam consigo a sua bagagem cultural/multicultural e mesmo sem querer acabam influenciando); 2) As bermas e o sopé do Namúli são das zonas mais férteis de toda a Zambézia e portanto produzem uma enorme variedade de produtos, sendo assim muitas pessoas partem para o propósito comercial e tantas outras descem às localidades circunvizinhas com o objectivo de vender os seus produtos bebendo daí da influência da aldeia global que é o mundo actual.

Na mesma linha os nossos entrevistados responderam dizendo que

Esquecer o que era especificamente seu e adoptar o que é comum. Por exemplo o pensar que o frango do aviário é melhor do que o seu. Deixam as culturas dos seus antepassados: milho, batata-doce para adoptar culturas importadas: semente de milho híbrido, batata-doce de polpa alaranjada mas que resistem menos do que a variedade local e se conservam sem produtos químicos, entre outras.

Da análise dos relatos feitos pelos nossos entrevistados constatamos que a globalização influencia as mudanças culturais dos povos originários do Namúli, visto que atualmente as crenças religiosas tradicionais estão em constante mudança, os hábitos e costumes, a maneira de falar, de comer, o respeito moral aos mais velhos está perdendo valor no seio das comunidades locais, nisso esquecer os valores tradições é esquecer o grande valor de ser um povo Makhuwa e Lomwe proveniente da serra do Namúli.

Apoiamo-nos no pensamento de Mignolo (2003) que diz acreditar que atualmente vive-se uma nova forma de colonialismo, um colonialismo global. Neste sentido, é importante uma reflexão – independente do termo a que se quer utilizar – entre o efeito devastador da globalização nas práticas culturais e a cultura local, como preservação da identidade e das tradições de um povo. A globalização é um ente invisível, que não se

preocupa com o “localismo”; o que se percebe é que ela traz às localidades valores universais. É com essa vista que podemos afirmar que a globalização no nosso entender criou aculturação e essa por sua vez foi modificando as relações sociais e destruído as tradições e as identidades profundamente enraizadas.

Considerações Finais

A região Norte de Moçambique possui uma diversidade cultural, étnica e linguística, esta herança vem dos primeiros habitantes destas terras, os ancestrais dos povos bantu. A serra de Namuli é considerada a origem cultural dos povos Makhuwa e Lomwé e estes povos são um dos exemplos em que várias culturas, hábitos e costumes se interligam e as tradições são transmitidos oralmente de família para família devido a partilha de um antepassado comum (*Makholo*) proveniente dos montes Namuli. A presença estrangeira árabe e portuguesa na região norte de Moçambique influenciou na cultura e nos hábitos e costumes dos povos da região. Embora a cultura Makhuwa e Lomwé tenha sofrido transformação continua guardando traços culturais que mantem a identidade se tornando deste modo essencial para poder ser riqueza para as outras culturas em outras regiões de Moçambique.

A cultura do povo de Namúli se torna simbólica uma vez que pelo simples facto de o indivíduo ser Makhuwa ou Lomwé sente-se originário de Namúli por serem do mesmo cordão umbilical, os montes Namúli. A ligação existente entre a religião tradicional e estrangeira infere-se que neste aspecto entre os povos Makhuwa e Lomwe existe descontinuidade e continuidade, isto é, na razão em que a religião estrangeira ensinou os povos locais o sistema do monoteísmo enquanto na religião tradicional ainda faz-se conjugação de rituais tradicionais no exemplo de uso de *Maqueya* e adoração de um único deus isto é Muluku nos cultos de origem bíblica. Na continuidade, o cristianismo faz diálogo com as realidades culturais, chamada inculturação, que faz com que se aproveitem os elementos mais genuínos da cultura local para pô-los em diálogo com o cristianismo, do qual sairá um enriquecimento mútuo como por exemplo, no uso de batuque.

Nos dias de hoje o que se verifica é a modificação do *modus vivendi* e culturais dos povos Makhuwa e Lomwe fruto do multiculturalismo advinda da globalização tendo em conta os seguintes aspectos: nota-se a substituição dos ritos de iniciação para Circuncisão Masculina e Feminina isto é os jovens Makhuwa e Lomwe preferem fazer circuncisão no hospital sem necessariamente passar pelos ritos de iniciação no contexto

tradicional, que sempre caracterizaram a endoculturação destes povos; também nos casamentos dos povos Makhuwa e Lomwe nota-se a não tolerância da poligamia devido a influência do cristianismo em alguns lugares da região Norte de Moçambique visto que os valores religiosos cristãos aceitam apenas casamento monogâmico dizendo que é imoral ter duas esposas, todavia em algumas zonas como na região do litoral onde prevalece a cultura árabe nota-se o contrário, fazendo com que a cultura sofra simbiose da sua originalidade; no âmbito cultural há a modificação dos usos e costumes dos povos por exemplo na substituição do uso da *Mulala*, (raiz usada para escovar os dentes) foi substituída pela pasta dentrífica industrial, observa-se também a substituição de alimentos naturais por alimentos industriais e geneticamente modificados.

A substituição de bebidas alcoólicas de carácter tradicional como a **cabanga** feita de farelo de milho, a **otheka** feita de mapira e a cachaça feita de cana de açúcar com as bebidas modernas como a cerveja, o vinho, o Gin, entre outras. Contribuído para a descontinuidade das culturas dos povos do Namuli. Por isso pode-se concluir nesta pesquisa que o grande desafio que existe entre os povos Makhuwa e Lomwe é na necessidade de fazer peregrinação para interação ou diálogo permanente com sagazes dos montes Namúli para recriar, e dentro do processo de dinamismo cultural, reformular-se, reposicionar-se trazer de volta os valores autênticos perdidos isto é levar as gerações atuais a repensar acerca da perda de identidade dos povos locais advindas da globalização.

Referências

- Artur, D. do R.; Xavier, E. (2003). **Cidade do Gúruè: heranças e continuidades**. Maputo: Imprensa Universitária.
- Cândido, A. (1999). **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática.
- Cipire, F. (1992). **A educação tradicional em Moçambique**. Maputo: Paulinas Editora.
- Ciríaco, M. I. F. (2017). Moçambique: diversidade cultural e linguística. **Cadernos de Pós-Graduação em Letras**. São Paulo, vol. 17, nº 1, p. 94-108.
- Ciscato, E. (2012), **Introdução á Cultura da Área Makhuwa Lomwé**. Porto: s.e.
- Chavi, M. (2006). **Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Perseu Abramo.
- Cortina, A. (2005). **Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania**. Trad. de Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola.
- Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (2002). **Conferência Mundial sobre as políticas Culturais**. Estocolmo.CLT/ Ws/9.

Dunduro, A. et al. (2016). **Estudo sobre as percepções e práticas costumeiras de manejo da biodiversidade nas comunidades adjacentes aos Montes Namúli**. Maputo: Editora: Khaiya Editores e Serviços.

Faria, G. N. et al. (2017). A construção da nação: Imposição cultural e suicídio. In: **II Jornada de Iniciação Científica da FACIG/ III Seminário Científico da FACIG**, p.54-67.

Gil, A. C. (2009). **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas.

Martinez, F. L. (2009). **O povo Macua e a sua cultura: análise dos valores culturais do povo Macua no ciclo vital**. 3.ed. Maputo: Paulinas Editora.

Mignolo, W. D. (2003) **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

Nunes, R. (1999). Macuas: Filhos da Montanha. **Revista Além-Mar**. Disponível em: <http://www.alem-mar.org/cgi>

[in/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEukAFukyADFMDcdAQ](http://www.alem-mar.org/cgi) Acesso em: 11 ago.2024.

Recama, D. C. (2003). **História de Moçambique, de África e Universal**. Maputo: Plural Editores.

Ribeiro, D. (2006). **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras.

Sousa, F. et al., (2005). **Dicionário de Relações Internacionais**. 2.ed. Porto: Edições Afrontamento, CEPESE.

Recebido em: 12/06/2024

Aceito em:23/08/2024

Para citar este texto (ABNT): ALEXANDRE, Adolfo; RAÚL, Daniel Alexandre; PATRÍCIO, Domingos Tomo J. S. A influência cultural dos povos originários do Namúli: abordagem da sua experiência, ontem, hoje e amanhã no multi-culturalismo na região Norte de Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.4, nº Especial II, p.316-333, out. 2024.

Para citar este texto (APA): Alexandre, Adolfo; Raúl, Daniel Alexandre; Patrício, Domingos Tomo J. S. (out. 2024). A influência cultural dos povos originários do Namúli: abordagem da sua experiência, ontem, hoje e amanhã no multi-culturalismo na região Norte de Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 4 (Especial II): 316-333.